

Amor em Ellen West: um ensaio inusitado

Love in Ellen West: an unconventional essay

Thaís de Castro Gazotti

Resumo

Este ensaio aborda o caso de Ellen West, destacando a relação entre o amor e a anorexia nervosa sob a ótica da psicopatologia fenômeno-estrutural. Ellen ansiava pelo amor, simbolizado por calor e vitalidade, mas o medo de engordar incitou a restrição alimentar e exercícios excessivos. Os desconfortos, provenientes da intersubjetividade, estabelecem o mundo vivido, com o qual concorda e discorda ao mesmo tempo; traz à tona a espacialidade em suas dimensões dialéticas, principalmente a verticalidade-horizantalidade; e requer a intercorporeidade, que prevê a existência do eu num corpo sujeito e objeto. Ellen sente-se atravessada pela interpessoalidade e objetificada ao ser olhada, percebida e julgada. Sua conexão com seu mundo vivido encontrava-se ausente da presença de corpos objetos, levantando a temática da sexualidade mínima ou inexistente nos casos de anorexia nervosa. Este caso expõe a complexa relação ter um corpo e ser um corpo para viver as relações intersubjetivas.

Palavras-chave: Ellen West. anorexia nervosa. sexualidade. amor. psicopatologia fenomenológica.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2024; vol13(2):101-115

Published Online
08 de outubro de 2024
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1196>

Thaís de Castro Gazotti

Psicóloga formada (PUCCAMP).
Doutora em Ciências (FMUSP).
Mestre em Psicologia (PUCCAMP).
Aprimorada em tratamento para
Transtornos Alimentares no
AMBULIM (IPq-HCFMUSP).
Especialista em Psicopatologia
Fenômeno-estrutural (FCMSCSP).

Membro da Sociedade Brasileira de
Psicopatologia Fenômeno-
estrutural (SBPFE). Professora
convidada do curso de
Psicopatologia Fenomenológica da
FCMSC-SP.

Contato:
thaisgazotti@yahoo.com

Amor em Ellen West: um ensaio inusitado

Love in Ellen West: an unconventional essay

Thaís de Castro Gazotti

Abstract

This essay discusses the case of Ellen West, highlighting the relationship between love and anorexia nervosa from the perspective of phenomeno-structural psychopathology. Ellen yearned for love, symbolised by warmth and vitality, but the fear of gaining weight led to food restriction and excessive exercise. The discomforts arising from intersubjectivity shape her lived world, with which she both agrees and disagrees; revealing spatiality in its dialectical dimensions, particularly verticality-horizontality, and requires intercorporeality, which acknowledges the existence of the self as both a subject and an object within the body. Ellen feels overwhelmed by interpersonal relations and objectified, perceived and judged by the gaze of others. Her connection with her lived world was absent of object-bodies, raising the theme of minimal or non-existent sexuality in cases of anorexia nervosa. This case reveals the complex relationship of having a body and being a body in order to navigate intersubjective relations.

Keywords: Ellen West. anorexia nervosa. sexuality. love. phenomenological psychopathology.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2024; vol13(2):101-115

Published Online
08 de outubro de 2024
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1196>

Thaís de Castro Gazotti

Psicóloga formada (PUCCAMP).
Doutora em Ciências (FMUSP).
Mestre em Psicologia (PUCCAMP).
Aprimorada em tratamento para
Transtornos Alimentares no
AMBULIM (IPq-HCFMUSP).
Especialista em Psicopatologia
Fenômeno-estrutural (FCMSCSP).

Membro da Sociedade Brasileira de
Psicopatologia Fenômeno-
estrutural (SBPFE). Professora
convidada do curso de
Psicopatologia Fenomenológica da
FCMSC-SP.

Contato:
thaisgazotti@yahoo.com

Introdução

Este escrito formou-se a partir de uma elocubração após a participação em uma roda de apresentações no XII Simpósio da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural. A roda em particular foi constituída pelas apresentações nas temáticas: “Ellen West na contemporaneidade” (apresentada pela autora deste trabalho), “Notas sobre o amor vivido: uma travessia fenomenológico-literária” (por Prof. Gabriel Becher) e “uso de antidepressivos e queixas de libido: uma visão fenomenológica” (por Renato Lordello). A formação desta roda possibilitou uma discussão rica e inesperada ao enxergar o amor em um caso que possui um histórico de análises restritas ao diagnóstico de seu redator, Binswanger: a esquizofrenia.

Ao final deste encontro inusitado, percebi-me extasiada com o ineditismo das reflexões construídas na discussão em conjunto. Início minha narrativa a partir do seguinte questionamento, o qual me permeou e ressoou mesmo após a finalização do evento: como é possível enxergar o amor na anorexia nervosa através da psicopatologia fenômeno-estrutural, partindo de Ellen West?

O desabrochar do amor em Ellen West

No relato de caso de Ellen, são apresentados trechos de poemas escritos ao longo de sua vida. Aos 17 anos, escreveu os poemas intitulados: “beije-me até morrer”, sob o pôr do sol na praia, e, tomada por uma dor, chama pelo rei dos mares para que a abrace de forma amorosa, beijando-a até morrer; “eu te odeio”, em que louva um rapaz que amava e, agora, odeia-o na mesma intensidade; “cansada”, envolvida por uma névoa úmida e cinza que busca tocar seu coração, há muito morto (Binswanger, 1957, p. 5). Ao passo que escreve sobre o amor, a luz do dia e o calor do sol, transpassa para o anoitecer gélido e o desejo de ser levada pela morte. O amor está presente nas descrições de sentimentos e lembranças luminosas, graciosas, aquecidas e floridas.

Ellen, então, viaja para o ‘novo continente’ para cuidar de seu irmão mais velho bastante enfermo; nessa época, ainda se alimenta normalmente e com prazer. Nessa viagem, Ellen fica noiva de um rapaz norte-americano, mas o pai a faz romper este noivado e retornar para a Europa. Em passagem pela Sicília, ainda apresenta o amor, o calor e a luz em seus escritos, seguido de suas sombras: “sente-se apequenada e completamente

esquecida em um mundo que ela não consegue compreender” (Binswanger, 1957, p. 8).

Sente-se feliz ‘por estar longe das influências limitantes da casa paterna’, as asas de sua alma crescem, mas esse crescimento não ocorre sem dores, nem contrações; em meio aos seus mais belos e inebriantes momentos, manifestam-se o medo e o terror. (Binswanger, 1957, p. 8).

Surge, então, o medo de engordar, uma vez que vivencia chacotas de amigas sobre seu corpo após retornar de viagem. Seu humor se mostra depressivo, inicia longas caminhadas e restrição alimentar de ‘tudo o que engorda’, pulando a refeição do jantar – constantemente atormentada pela ideia de que está muito gorda. Em seu diário, queixa-se de que não se sente em casa em lugar algum, sem valor e utilidade.

Meu eu interior está tão estreitamente ligado ao meu corpo – que ambos formam uma só unidade e constituem o meu eu – sem lógica, nervoso e individualista. (Binswanger, 1957, p. 9).

O (des)amor em Ellen West

“(…)os grilhões do amor. Sim, são eles que me seguram e que me protegem do viver selvagem, do entregar-me completamente ao mundo da luta e dos sacrifícios, pelo qual anseia todo o meu ser.” (Binswanger, 1957, p. 9).

“Viver? Não, vegetar! (...) Tenho 21 anos e devo calar-me e sorrir como uma boneca. Não sou uma boneca. Sou um ser humano com sangue vermelho e sou uma mulher de coração palpitante. Não consigo respirar nessa atmosfera de falsidade e covardia. (...) Não penso na libertação da alma: refiro-me à liberdade real e palpável do povo diante dos grilhões daqueles que o dominam. Preciso esclarecer mais? Eu desejo a revolução (...). Como uma russa niilista, desejo abandonar a pátria e a casa paterna (...). Mas não por querer aventura!” (Binswanger, 1957, p. 11).

Ellen não consegue mais se alegrar com o desabrochar da natureza. Aos 23 anos, vive uma decepção amorosa com seu professor de equitação. Aos 24 anos, inicia os estudos universitários (verão) e retoma um pouco da felicidade diante da vida; e adentra um relacionamento amoroso com um estudante (inverno). Segue com seus atos de restrição alimentar e com a ideia fixa do medo de engordar. Em menos de 1 ano, o relacionamento evolui para um noivado (outono); no entanto, os pais exigem uma separação temporária (primavera). Ellen apresenta uma depressão bastante forte e intensifica a busca pelo emagrecimento ingerindo de 36 a 48 comprimidos de hormônio tireoidiano. Tomada pela saudade, pede permissão aos pais para voltar para casa; chega completamente emagrecida, com tremores nas pernas, mas contentada emocionalmente por estar magra (verão). O noivado, então, continua.

Com seus 25 anos (outono), viaja para o ‘novo continente’, onde um médico a coloca em repouso por 6 semanas, recuperando seu peso. Ao retornar para casa (primavera), o noivado é rompido. Encontra-se em um sanatório (verão) com humor depressivo, interessa-se por jardinagem, mas logo perde o interesse e abandona também a universidade. Retorna a busca por perder peso através da restrição alimentar e exercício

físico.

No outono seguinte, Ellen e seu primo intensificam a proximidade, fazem longas caminhadas – de 30 a 40km por dia – até a primavera. Dedicar-se a um trabalho com crianças, que não demonstra preenchê-la afetivamente, e volta a desejar uma profissão de verdade. Apesar do rompimento do noivado ainda ser uma “ferida aberta”, inicia um caso de amor com o primo.

Durante dois anos, Ellen oscila seus afetos entre o estudante e o primo. Aos 28 anos, rompe sua relação com o estudante e se casa com o primo (verão). Ellen não quer mais ter a ideia fixa de emagrecer, mas durante a lua de mel começa a emagrecer novamente. Ao retornar, sua menstruação não ocorre (primavera) e, após um sangramento durante suas longas caminhadas, um aborto é constatado (outono). Ellen encontra-se num dilema interno entre: o desejo de ter um filho e o medo de engordar; o medo vence e a menstruação deixa de acontecer.

O amor em Ellen sob o olhar da psicopatologia fenômeno-estrutural

Ao ler o relato de caso de Binswanger (1957), muitos aspectos chamam a atenção de um clínico da saúde mental, usualmente levado a procurar ou se ater a descrições sintomatológicas, cronologia e intensidade dos comportamentos disfuncionais característicos da apresentação nosográfica de um transtorno mental, a anorexia nervosa (Gazotti & Cordás, 2023). Mas, e se olhar pelo sentimento do amor tantas vezes referenciado por Ellen?

Na cronologia dos relacionamentos amorosos vividos por Ellen, observa-se constante tensão na busca por encontrar as mesmas características encontradas no amor expresso pela natureza: a luminosidade, o calor, o florir e o alegrar. Contudo, Ellen se depara também com os desconfortos das relações estabelecidas, demonstrando perder a si mesma nesse processo de busca pelo amor.

Quando se fala de relações, diz, invariavelmente, sobre a intersubjetividade inerente a esse encontro. O modo como essa condição de possibilidade se apresenta na experiência vivida auxilia a compreender alterações psicológicas da experiência e propostas de estratégias terapêuticas (Messas, 2021). A intersubjetividade pressupõe a presença do outro no eu com o qual se relaciona – em outros termos: percebe o outro porque o percebe em si, o que possibilita a oportunidade de diferenciar-se do outro, tal

como proposto na teoria da relação Eu-Tu (Buber, 1979).

Desta perspectiva, nota-se o quanto as relações intersubjetivas, percebidas por Ellen, eram trazidas em seus poemas com o peso do relacionar-se com o mundo, uma vez que as relações são estabelecidas em micro e macrosistema. O microsistema corresponde às relações de pequenos grupos, íntimos e próximos; já o macrosistema, às relações estabelecidas decorrente da premissa do ser gregário que constitui a sociedade humana. A percepção de Ellen sobre a intersubjetividade estabelecida com o seu mundo vivido refere um mundo que a constitui, com o qual concorda e do qual discorda ao mesmo tempo.

Este aspecto conduz para a noção de espacialidade. Se a intersubjetividade ressoa na personalidade de Ellen gerando tensão insustentável, será também mostrada no modo como percebe o mundo nas dimensões dialéticas da espacialidade: centralidade-periféricidade, distância-proximidade, horizontalidade-verticalidade. Binswanger (1957) enfatizou a análise de Ellen na hipervalorização ao sul da verticalidade, caracterizando um retorno extremo ao eu e sua particularidade. Dadas as descrições de tentativas de Ellen em se encontrar no mundo compartilhado e viver constantes tensões insustentáveis para o seu eu, nota-se como a presença com o outro e o mundo lhe era desejada, mas dolorosa.

Ellen olha o amor como um artefato das relações que lhe era desejado e valorizado, o aspecto que lhe trazia cores ao vivido. Mas como amar algo que também lhe gera dor? O questionamento de Ellen se torna existencial, uma vez que ela quer ter a experiência de vivenciar o maior sentimento compartilhado pela consciência humana da atualidade: o afeto – e, assim, trazer cores para a sua vida.

Como amar quando a relação também pode te machucar?

Essa dor lhe é genuína pois, para que haja intersubjetividade, é preciso que exista intercorporeidade. A corporeidade prevê que o eu exista num corpo sujeito e corpo objeto (Merleau-Ponty, 1999). Este corpo sujeito pode ser atravessado pela interpessoalidade que a impede de viver suas escolhas, e o corpo objeto através do qual é olhada, julgada e percebida.

pela terrível doença, ela se afasta cada vez mais das pessoas (Binswanger, 1957, p. 30). desde que me enterrei em mim mesma e não consigo mais amar, o fato de estar viva é uma tortura (Binswanger, 1957, p. 32).

O corpo objeto de Ellen é constantemente representado pela dor, já seu corpo

sujeito sofre as dores, mas anseia pelo afeto do amor. Pouco se discorreu na descrição do caso sobre como Ellen se sentia com relação aos seus amores, mas sabe-se que ela muito buscava o que o amor oferece: vitalidade.

A relação escolhida por Ellen parte da sua racionalização em busca do amor, da vitalidade que o sentimento lhe oferece. Mas, uma vez que lhe é colocado em xeque escolher entre gerar um filho e seu medo de engordar, ela se entrega ao medo. Como pontuado por Becher (2023), “na jurisdição da percepção erótica, enfim abarcada como *intencionalidade original*, o desejo liga um corpo a outro corpo no mundo”. O que ligava Ellen aos seus relacionamentos era a busca por um sentimento racionalizável, absente da presença de interesse entre dois corpos objetos.

o meu ideal de vida: o de ser magra continuou a tomar espaço dentro de mim, muito mais que todo o restante. Só me tornarei mulher de verdade quando tiver aberto mão, definitivamente, de meu ideal de vida (de ser magra). (Binswanger, 1957, p. 21).

De acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 122), “o corpo é o veículo do ser no mundo” e a sexualidade é uma das formas como o sujeito projeta o seu modo de ser no mundo (Becher, 2023). Observa-se, nos casos de anorexia nervosa, a diminuição ou inexistência de envoltórios sexuais, uma vez que a materialização do ser em um corpo objeto é reduzida a um valor irrisório (Gazotti, 2023). A diminuição do corpo objeto diminui a membrana de contato e restringe as possibilidades da intercorporeidade. Desse modo, a relação se dá pela hiperintelectualização e pela intenção de existir sem a necessidade de materialização.

Por tal razão, usualmente, pacientes com anorexia nervosa anulam sua vida sexual por um período da vida, principalmente no momento crítico das condições clínicas de saúde, adentrando o isolamento social. Ao corpo objeto, quando se atribui uma figura sexual, cria-se uma tensão dialética entre o corpo objeto sexual e as demais totalidades da corporeidade (Lordello & Becher, 2022). Em polo oposto à experiência da compulsão sexual, o corpo objeto sexual na corporeidade da desproporção anoréxica busca aniquilar a possibilidade de objetificação do ser na intersubjetividade.

sinto-me excluída de toda a vida real. Estou totalmente isolada. Encontro-me dentro de uma bola de vidro. Vejo as pessoas através de uma parede de vidro, mas vozes soam-me como que abafadas. Anseio demais por conseguir chegar até elas. Grito, mas elas não me ouvem. Estendo meus braços para elas; mas minhas mãos tocam apenas as paredes de minha bola de vidro.” (Binswanger, 1957, p. 30).

As relações românticas, quando existentes em pacientes com anorexia nervosa, são mais sustentadas e direcionadas ao lugar de sujeito através da intelectualização do que o lugar de corpo objeto a ser desejado e tocado. Assim, as relações são mais

facilmente construídas por via on-line do que presencialmente. São pessoas que se relacionam enquanto sujeitos e ideias, mas sem a necessidade de um corpo e um desejo de aproximação corporal física. O advento das redes sociais para as interações é um fator contribuinte para que a pessoa com anorexia não se isole completamente, de modo a poder construir relações virtuais e vir a se sentir confortável com possíveis afetos que venham desta condição.

O amor na vida de Ellen surge como uma força de vitalização paradoxalmente entrelaçada com a anorexia nervosa. Sua busca pelo amor, evidente ao longo de sua vida, ressoa em seus relacionamentos, sua escrita e seu corpo. O amor, que poderia aproximá-la, tornou-se uma fonte de imensa angústia ao se defrontar com seu desejo obsessivo de se desmaterializar. Desse modo, o sentido do amor pode ser experienciado de forma a entrelaçar o lugar do corpo a uma identidade fragilizada.

Conclusão

Trazer à luz o tema do amor no caso de Ellen West, através da psicopatologia fenômeno-estrutural, abre novas camadas de compreensão sobre sua experiência. A história de Ellen mostra como a busca por amor e vitalidade pode ser tanto uma fonte de vitalidade quanto de profundo sofrimento. Seu desejo de se conectar com os outros, de sentir o calor e a luminosidade da vida, foi incessantemente confrontado pelo medo de engordar e percepção do não desenvolvimento de sua identidade. A tensão entre essas forças levou a um profundo isolamento e desespero.

Uma análise contemporânea da experiência de Ellen West possibilitou apresentar a complexidade da experiência da consciência junto a temas existenciais, como o amor. Assim, espera-se instigar psicopatologistas a considerarem todos os aspectos da experiência humana ao abordar transtornos mentais, incluindo a anorexia nervosa.

Love in Ellen West: an unconventional essay

Introduction

This paper emerged from reflections following a presentation session at the 12th Symposium of the Brazilian Society of Phenomeno-Structural Psychopathology. The session featured the following themes: “Ellen West in Contemporary Times” (presented by the author of this work), “Notes on Lived Love: A Phenomenological-Literary Journey” (by Prof.

Gabriel Becher), and “The Use of Antidepressants and Complaints of Libido: A Phenomenological View” (by Renato Lordello). This collection of presentations facilitated an unexpectedly rich discussion, allowing for the exploration of love in a case whose analyses have been primarily limited to Binswanger’s diagnosis: schizophrenia.

By the end of this unique encounter, I found myself captivated by the uniqueness of the reflections generated in the session. I begin my narrative with a question that permeated and resonated with me even after the event's conclusion: is it possible to see love in anorexia nervosa through phenomeno-structural psychopathology, taking Ellen West as a point of reference?

The Blossoming of Love in Ellen West

Ellen's case study presents some excerpts from poems written throughout her life. At age 17, she wrote poems titled: "Kiss Me Until I Die," set under the sunset at the beach, where, consumed by pain, she calls upon the king of the sea to lovingly embrace and kiss her until she dies; “I Hate You,” where she venerates a young man she once loved but now hates with equal intensity; “Tired,” engulfed by a damp and grey mist, seeking to touch her long-dead heart (Binswanger, 1957, p. 5). While writing about love in the light of day, with the warmth of the sun, she transitions to the cold night and the desire to be taken by death. Love is present in the descriptions of feelings and luminous, graceful, warm, and blossoming memories.

Ellen then travels to the ‘new continent’ to take care of her ailing elder brother; currently, she still eats normally and with pleasure. During this journey, Ellen gets engaged to a young American man, but her father forces her to break off the engagement and return to Europe. During her stay in Sicily, love, warmth, and light still appear in her writings, followed by shadows: “She feels small and completely forgotten in a world she cannot comprehend” (Binswanger, 1957, p. 8).

She feels happy to be ‘away from the limiting influences of her father’s house,’ the wings of her soul grow, but this growth does not come without pain and contractions; in the midst of her most beautiful and intoxicating moments, fear and terror arise. (Binswanger, 1957, p. 8).

The fear of gaining weight then emerges, as she experiences teasing from her friends about her body after returning from the trip. Her mood becomes depressive, she begins long walks and restricts her diet from ‘everything that makes her fat,’ often skipping dinner, constantly tormented by the idea that she is too fat. In her diary, she complains that

she does not feel at home anywhere, feeling worthless and without purpose.

My inner self is so closely linked to my body – that both form a single unit and constitute my being – illogical, nervous, and individualistic. (Binswanger, 1957, p. 9).

The (Un)love in Ellen West

“(...)the chains of love. Yes, it is they who hold me and protect me from living wildly, from completely giving myself to the world of struggle and sacrifices for which my entire being longs.” (Binswanger, 1957, p. 9).

“To live? No, to vegetate! (...) I am 21 years old and I must remain silent and smile like a doll. I am not a doll. I am a human being with red blood, and I am a woman with a beating heart. I cannot breathe in this atmosphere of falseness and cowardice. (...) I do not mean the liberation of the soul: I refer to the real and tangible freedom of the people from the chains of those who dominate them. Do I need to clarify further? I desire revolution (...). Like a Russian nihilist, I wish to leave my homeland and my father’s house (...). But not out of a thirst for adventure!” (Binswanger, 1957, p. 11).

Ellen can no longer find joy in the blossoming of nature. At age 23, she experiences a romantic disappointment with her riding instructor. At age 24, she starts at the university (summer) and regains some happiness in life; she enters a romantic relationship with a student (winter). She continues with her restrictive eating habits and her obsession with the fear of gaining weight. Less than a year later, the relationship progresses to an engagement (autumn); however, her parents demand a temporary separation (spring). Ellen experiences a severe depression and intensifies her weight loss efforts, taking 36 to 48 tablets of thyroid hormone. Consumed with longing, she asks her parents for permission to return home; she arrives severely emaciated, with trembling legs, but emotionally content because she is thin (summer). The engagement continues.

At age 25 (autumn), she travels to the ‘new continent’ where a doctor prescribes six weeks of bed rest, during which she regains weight. Upon her return home (spring), the engagement is broken off. She finds herself in a sanatorium (summer), with a depressed mood, showing interest in gardening, but soon losing interest and abandoning university. She returns to her pursuit of weight loss through dietary restriction and physical exercise.

The following autumn, Ellen and her cousin grow closer, taking long walks – 30 to 40 km a day – until the spring. She devotes herself to working with children, but this does not fulfill her emotionally, she yearns for a real profession. Although the broken engagement remains an “open wound,” she starts a love affair with her cousin.

For two years Ellen’s affections oscillate between the student and her cousin. At age 28, she ends her relationship with the student and marries her cousin (summer). Ellen no longer wants to be consumed by the idea of getting thin, but during the honeymoon, she begins losing weight again. Her menstrual cycle does not occur (spring) and, after a

hemorrhage during one of her long walks, a miscarriage is confirmed (autumn). Ellen finds herself torn between two desires: the wish to have a child and the fear of gaining weight; fear wins, and her menstruation ceases.

Love in Ellen, From a Phenomeno-Structural Psychopathology Perspective

When reading Binswanger's (1957) case study, many aspects catch the attention of a mental health clinician, typically inclined to focus on symptomatology, chronology, and the intensity of the dysfunctional behaviors characteristic of the nosographic presentation of a mental disorder – anorexia nervosa (Gazotti & Cordas, 2023). But what if we examine it through the lens of love, so often referenced by Ellen?

In the timeline of Ellen's romantic relationships, there is a constant tension in her search to find the same characteristics she finds expressed in nature's love: luminosity, warmth, blooming, and joy. However, Ellen also encounters discomfort in her established relationships, often losing herself in the process of searching for love.

When referring to relationships, invariably discusses the intersubjectivity inherent in these encounters. The way this condition of possibility presents itself in lived experience helps to understand psychological changes in the experience and offers proposals for therapeutic strategies (Messas, 2023). Intersubjectivity presupposes the presence of the other within the self, with whom one relates – in other words: one perceives the other because they perceive the other within themselves, enabling the differentiation from the other as proposed in the theory of the I-Thou relationship (Buber, 1979).

From this perspective, one can notice how much Ellen's intersubjective relationships were brought into her poems with the weight of relating to the world, as relationships are established in both micro and macro systems. The microsystem refers to relationships within small, intimate, and close groups, while the macrosystem refers to relationships established from the premise of the gregarious nature that constitutes human society. Ellen's perception of the intersubjectivity established with her lived world reflects a world that constitutes her – a world with which she both agrees and disagrees.

This aspect leads to the notion of spatiality. If intersubjectivity resonates in Ellen's personal experience, generating unsustainable tension, it will also manifest in how she perceives the world through the dialectical dimensions of spatiality: centrality-peripherality, distance-proximity, horizontality-verticality. Binswanger (1957) emphasized Ellen's analysis

by highlighting her hypervaluation in the south of verticality, characterized by an extreme return to the self and its particularity. Given the descriptions of Ellen's attempts to find herself in the shared world and her constant unsustainable tensions, it is clear that her presence with the other and the world was desired but painful.

Ellen views love as an artefact of relationships that was desired and valued – an aspect that brought color to her life. But how can one love something that also brings pain? Ellen's questioning becomes existential, as she longs to experience the greatest emotion shared by contemporary human consciousness: affection, and thereby bring color to her life.

How can one love when the relationship can also hurt you?

This pain is genuine for Ellen because for intersubjectivity to exist there must also be intercorporeality. Corporeality suggests that the self exists both as a subject-body and an object-body (Merleau-Ponty, 2018). The subject-body can be permeated by interpersonal experiences that restrain from making her own choices, and the object-body is viewed, judged, and perceived by others.

Because of the terrible illness, she distances herself more and more from people. (Binswanger, 1957, p. 30).

Since I buried myself in my own being and can no longer love, the fact that I am alive is a torment. (Binswanger, 1957, p. 32).

Ellen's object-body is constantly represented by pain, while her subject-body suffers and longs for the affection that love could offer. Little has been said in the case description about how Ellen felt regarding her lovers, but it is known that she sought what love provides: vitality.

The relationship chosen by Ellen stem from her rationalized pursuit of love and vitality that this feeling offers, but when faced with the dilemma of choosing between bearing a child and her fear of gaining weight, she succumbs to fear. As Becher (2023) stated, "in the jurisdiction of erotic perception, finally encompassed as original intentionality, desire connects one body to another in the world." What connected Ellen to her relationships was a pursuit of a rationalizable feeling, absent of a mutual physical connection between two object-bodies.

My ideal of life: to be thin, continued to take up space within me far more than everything else. I will only become a real woman when I have definitively given up my ideal of life (being thin). (Binswanger, 1957, p. 21).

According to Merleau-Ponty (1999, p. 122), “the body is the vehicle of being in the world,” and sexuality is one of the ways the subject projects their mode of being in the world (Becher, 2023). In cases of anorexia nervosa, it is often observed that sexual involvement diminishes or becomes nonexistent as the materialization of the self as an object-body is reduced to an insignificant value (Gazotti, 2023). The diminishment of the object-body reduces the contact membrane and restricts the possibilities of intercorporeality, leading to relationships being formed through hyper-intellectualization and the intent to exist without the necessity of materialization.

For this reason, it is common for patients with anorexia nervosa to eliminate their sexual life for a period, especially during the critical phases of their health condition, entering social isolation. When the object-body is attributed a sexual form, a dialectical tension is created between the sexual object-body and the other totalities of corporeality (Lordello, 2023). In contrast to the experience of sexual compulsion, the anorexic’s disproportionate sexual object-body seeks to annihilate the possibility of objectification of the self in intersubjectivity.

I feel excluded from all real life. I am utterly isolated. I am inside a glass bubble. I see people through a glass wall, but their voices sound muffled to me. I long desperately to reach them. I scream, but they do not hear me. I stretch my arms towards them; but my hands touch only the walls of my glass bubble. (Binswanger, 1957, p. 30).

Romantic relationships, when they exist in patients with anorexia nervosa, are more sustained and directed towards the subject-body through intellectualization rather than the object-body as a desired and touched entity. As a result, relationships are often more easily constructed online than in person where can engage as subjects and ideas without the need for a body and the desire for physical proximity. The advent of social networks has contributed to preventing people with anorexia from becoming completely isolated, allowing them to build virtual relationships and perhaps even feel comfortable with possible affections that arise from these conditions.

The idea of love in Ellen's life emerges as a vitalizing force paradoxically intertwined with anorexia nervosa. Her search for love, evident throughout her life, resonates in her relationships, her writing, and her body. Love, which could have brought her closer to others, became a source of immense anguish as it clashed with her obsessive desire for self-dematerialization. In this way, the experience of love became intertwined with the body’s place in a fragile identity.

Conclusion

Bringing the theme of love to light in Ellen West's case through phenomeno-structural psychopathology unveils new layers of understanding regarding her experience. Ellen's story demonstrates how the search for love and vitality can be both a source of revitalization and profound suffering. Her desire to connect with others, to feel the warmth and brightness of life, was incessantly challenged by the fear of gaining weight and the perception of an undeveloped identity. The tension between these forces led to profound isolation and despair.

A contemporary analysis of Ellen West's experience allows for a presentation of the complexity of conscious experience alongside existential themes such as love. It urges psychopathologists to consider all aspects of the human experience when addressing mental disorders such as anorexia nervosa.

Referências Bibliográficas

- Becher, G. E. (2023). A Fundação do Ser Sexual The Foundation of the Sexual Being. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(2 ed especial), 26–65. <https://doi.org/https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i2.1135>
- Binswanger, L. (1957). O caso Ellen West. *Schizophrenie*, 198.
- Buber, M. (1979). *Eu e Tu* (N. A. Von Zuben (ed.); 2 ed). Cortez & Moraes.
- Gazotti, T. D. C., & Cordás, T. A. (2023). Anorexia Nervosa e a experiência de paradoxos : estudos em psicopatologia fenomenológica Anorexia Nervosa and the experience of paradoxes: studies in phenomenological psychopathology. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(2), 91–108. <https://doi.org/https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i2.1126>
- Gazotti, T. de C. (2023). *A vivência da anorexia nervosa em primeira pessoa: análise fenomenológica a partir de casos clínicos* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/https://doi.org/10.11606/T.5.2023.tde-06112023-155432>
- Lordello, R. F., & Becher, G. E. (2022). Compulsão sexual sob perspectiva fenomenológica : um relato de caso Sexual compulsion from a phenomenological perspective : a case report. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 11(2), 60–77. <https://doi.org/https://doi.org/10.37067/rpfc.v11i2.1123>
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (2nd ed.). Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Messas, G. (2021). The Existential Structure of Substance Misuse. In *The Existential Structure of Substance Misuse* (1st ed.). Springer Nature. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-62724-9>